

CATARINA BOTELHO

“O OUTRO NOME DAS COISAS”

Embora a sua formação académica tenha sido em pintura, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, o trabalho artístico de Catarina Botelho (n. 1981) tem-se confinado à prática da fotografia. Longe de ser um mero episódio biográfico, esta inflexão da pintura para a fotografia, permite compreender e contextualizar um conjunto de características estéticas e motivações conceptuais que orientam o seu imaginário visual, nomeadamente um sentido de composição e indução temporal da imagem que articula a singularidade do *fotográfico* com uma nítida sensibilidade e modelação *pictórica*.

Outra característica recorrente na fotografia de Catarina Botelho é a sua propensão para se focalizar em temas do quotidiano, como modo de fixar e assinalar momentos, figuras, objectos e lugares significantes da experiência do seu dia-a-dia. Contudo, as suas imagens não pretendem verter uma documentação diarística ou até mesmo autobiográfica; pelo contrário, as imagens procuram incitar a uma imaginação paradoxal e sugestiva, que não se limita à legibilidade do assunto representado, porque a vivência da imagem potencia as suas qualidades heurísticas, a abertura a outros tempos e espaços, bem como a outros temas centrais no trabalho de Catarina Botelho, como a experiência da memória, e as questões em torno do género, do corpo e da intimidade.

Para o European Photo Exhibition Award, Catarina Botelho realizou a série *O tempo e o modo*, composta por sete imagens realizadas num *Hamam* (termo árabe para banho) em Istambul. (...) a fotógrafa focou-se na representação de vários objectos simples e banais, embalagens, baldes e cestos em plástico e vassouras, utilizados diariamente nas actividades do *Hamam*. O tom geral é de uma certa intemporalidade, como uma evocação de espaços e práticas que perduram desde o século XV. Pela ausência de pessoas e pela forma como os objectos são isolados sobre o fundo da pedra que reveste o chão e as paredes do *Hamam*, a imagem tende a conduzir a nossa percepção para as características formais, cromáticas e tonais dos objectos e a sua colocação neste cenário dominado pela pedra, ou seja, *quadros* que num certo sentido promovem um confronto entre a condição efémera, frágil e vulgar destes objectos, e a durabilidade, resistência e nobreza da pedra, no qual se foram sedimentando vários momentos da história, como um espaço marcado por múltiplas temporalidades.

Sergio Mah

CATARINA BOTELHO

“O OUTRO NOME DAS COISAS”

Though she trained as a painter, at Lisbon University's Faculty of Fine Arts, as a practising artist Catarina Botelho (b. 1981) has worked exclusively within photography. This is not just a biographical detail – the shift from painting to photography is the key to understanding and contextualising a number of formal characteristics and conceptual concerns which inform her imagery, namely a sense of composition and temporal suggestion within the image, in which specific *photographic* qualities are allied with an obviously *pictorial* sensibility and approach to form.

Another recurrent feature of Catarina Botelho's photography is her propensity for focussing on everyday subject matter, as a method of recording and marking significant moments, figures, objects and places from her daily life. The intent of these images, however, is not diaristic or even autobiographical documentation; on the contrary, they aim to stimulate a paradoxical and suggestive imaginative state which transcends a literal reading of the subject matter, since the experience of the image activates their heuristic qualities and invites a consideration of other times and spaces, as well as other central themes in Catarina Botelho's work, such as the experience of memory and issues of gender, the body and intimacy.

For the EPEA, Catarina Botelho produced the series *O tempo e o modo* [Time and Manner], comprising seven images made in a hamam, a traditional bathhouse, in Istanbul. (...) but focussed instead on the various simple and banal objects, such as plates, jars and bottles, plastic buckets and baskets and brooms, that are used there every day. The general tone is one of a kind of timelessness, an evocation of spaces and practices which date back to the fifteenth century. The absence of people, and the way in which the objects are isolated against the backdrop of stone that covers the wall and floors of the hamam, lead us to perceive the image in terms of the formal, chromatic and tonal characteristics of the objects, and their position within this setting dominated by stone – *scenes*, in other words, that induce a confrontation between the ephemeral, fragile and vulgar nature of these objects, and the durability, strength and nobility of the stone, a repository of the past, like a space marked by multiple temporalities.